

# Uma “boa” educação\*

*Monique de Saint Martin\*\**

**RESUMO:** Uma educação ética - uma “boa” educação - de sua filhas sempre representou uma preocupação central para as camadas dominantes da burguesia e da aristocracia. A instrução, por outro lado, por visar essencialmente atividades intelectuais, sempre foi vista como secundária, assim como, no caso dessas moças, a transmissão do capital cultural e econômico. Mais do que uma exceção, a escola “Notre-Dame des Oiseaux” representa um caso-limite. Com algumas concessões à nova moralidade burguesa e na base de uma homogeneidade consistente, não apenas das alunas como das docentes e freiras, a educação das moças desse meio continua centrada no preparo para um papel específico - o de mãe “feliz”, esposa culta, com um emprego (embora disposta a abandoná-lo), pia e envolvida em ações caridosas.

**Palavras-chave:** Educação, burguesia, aristocracia, gênero, capital moral

A tradicional desconfiança, e até mesmo hostilidade da burguesia e da aristocracia, em relação aos estudos em estabelecimentos públicos e mais ainda em relação à atividade profissional de seus filhos, mais especificamente de suas filhas, foi sucedida, a partir dos anos 50, por um crescente interesse tanto pelo ensino secundário e superior como pelo exercício de uma profissão. Para as moças desses meios sociais, frequentar uma instituição de ensino superior, possuir um diploma, ter um

---

\* Texto traduzido por Alain François. Publicado originalmente em *Ethnologie Française*, XX, 1990, 1, a cujos editores agradecemos a autorização para publicação.

\*\* EHESS – Centre de sociologie de l'éducation et de la culture.

emprego, de preferência de meio período, deixavam aos poucos de ser obstáculos no mercado matrimonial, tornando-se práticas comuns.

Uma nova representação da mulher, “moderna”, “ativa”, “independente”, “dinâmica”, foi gradativamente substituindo o antigo modelo de mulher da burguesia – “cultura”, capaz de auxiliar o marido, “boa mãe de família”, dona de casa emérita – e, concomitantemente, novos modelos de vida familiar e de divisão do trabalho entre cônjuges foram se desenvolvendo. Esse esquema evolucionista e essa visão um tanto idealizada são, no entanto, menos fundamentados do que poderia parecer à primeira vista; de fato, eles se aplicam de modo muito desigual às diferentes facções da burguesia que, até hoje, não conferem a mesma importância aos investimentos escolares e profissionais de suas filhas e diferem nas suas representações da divisão do trabalho entre os sexos.

Não se pode negar que nas facções da burguesia em que o capital cultural é mais importante do que o capital econômico (professores, profissões intelectuais, executivos superiores do setor público), os estudos secundários e superiores, bem como o fato de ter, quando não uma profissão, pelo menos um emprego já se tornaram práticas “normais” para as moças. Em compensação, nas facções da burguesia em que o capital econômico predomina ou tende a predominar sobre o capital cultural (industriais, negociantes, mas também executivos superiores e engenheiros do setor privado), e nas quais o capital cultural tem, de modo geral, uma procedência antes familiar do que escolar, aceita-se, embora via de regra um pouco a contragosto, que as moças se proponham a estudos longos após o “*baccalauréat*” e que exerçam momentaneamente atividades profissionais. Entretanto, para essas facções, os estudos e o exercício de uma profissão não constituem um fim em si; são a formação ética, a “boa” educação que constituem de fato preocupações centrais, tudo correndo como se, no caso das mulheres, a transmissão do capital moral devesse necessariamente acompanhar a transmissão do capital econômico e do capital cultural.

A disparidade entre a educação de moços e de moças, os cuidados visando manter estas num universo protegido – longe dos “perigos” e das “tentações” da vida exterior, da influência “corruptora” do meio intelectual – continuam presentes entre as facções da classe dominante. De fato, no que diz respeito às moças, o que está em jogo é a reprodução do patrimônio familiar, e existem interesses consideráveis que devem ser preservados dos riscos inerentes à transmissão do capital social, principalmente quando das alianças matrimoniais.

A desconfiança para com o ensino público laico, em liceus ou universidades, e para com os próprios professores é tenaz. Raríssimas filhas de industriais, banqueiros ou negociantes cursam a *Ecole normale supérieure de Sèvres*, que prepara futuros professores.<sup>1</sup> Em compensação, os estabelecimentos privados, católicos na sua maioria, as escolas superiores de gestão, de propaganda, de relações públicas, os institutos de estudos políticos retêm o favor de suas famílias. Os filhos (moços e moças) de professores, membros de profissões intelectuais e artísticas, e executivos do setor público freqüentam de modo geral os liceus e só estudam em colégios particulares para fugir de um estabelecimento público de reputação medíocre ou de uma sentença escolar julgada “injusta” (Pinçon-Charlot, Rendu 1988). As famílias dos patrões dos setores bancário, industrial e comercial, bem como as de executivos do setor privado e engenheiros, preferem, na sua maioria, que suas filhas sejam escolarizadas em colégios particulares.<sup>2</sup>

Os colégios particulares católicos dos bairros mais “burgueses” recrutam a maior parte de seus alunos nesses meios. Mais de dois terços das alunas de sétima série (*quatrième*) e de 1ª colegial (*seconde*), inscritas no ano escolar 1980-1981 no colégio *Notre-Dame des Oiseaux* ou no *Institut de l'Assomption (Lübeck)* no XV<sup>o</sup> *arrondissement* em Paris, eram filhas de industriais, banqueiros, negociantes, engenheiros ou executivos administrativos superiores (os dados não nos permitem distinguir o setor público do privado). Ao mesmo tempo, só havia 5% de filhas de professores nesses dois colégios em que as alunas oriundas das classes populares e médias eram bem raras (menos de 10%) e as filhas de profissionais liberais representavam 13% das alunas.<sup>3</sup> Os profissionais liberais ocupam, portanto, nesse campo, como em muitos outros, uma posição intermediária entre patrões e professores, entre o pólo do poder econômico e o pólo do poder cultural (Bourdieu 1979): embora confiem nos liceus, conquanto estes sejam bem freqüentados, sua opção para que suas filhas freqüentem estabelecimentos privados aumenta à medida que seu capital econômico tende a predominar sobre seu capital cultural (como no caso dos farmacêuticos) e que a moral continua, para eles, indissociável da religião.

### Um colégio particular para as “moças de boas famílias”

O estudo das características e do funcionamento de um desses colégios particulares, de especial renome, destinado às moças “de boas

famílias”, e que constitui menos um caso excepcional do que um caso-limite, deixa transparecer que, feitas algumas concessões à nova moral burguesa, principalmente em termos de pedagogia, a preparação para os papéis de mãe de família “feliz”, de esposa culta, discreta e eficiente, pronta para auxiliar seu cônjuge em sua atividade profissional, de mulher dedicada participando de novas obras de caridade e de atividades voluntárias, e de dona de casa administrando com muito cuidado o capital social e simbólico da família continua ocupando um lugar preponderante na educação das moças da burguesia e, mais particularmente, nas facções dominantes bem como na aristocracia, enquanto a instrução e a formação para atividades intelectuais e científicas vêm em segundo plano.

Em *Notre-Dame des Oiseaux* (cerca de 1.500 alunos divididos entre escola primária mista, colégio e “liceu” femininos), a homogeneidade social extremamente coerente na seleção dos alunos, bem como na das docentes e religiosas, permite que o colégio prolongue ou complete a educação familiar sem nunca contestá-la e cumpra as diferentes funções que lhe são atribuídas tanto pelas famílias quanto por seus responsáveis. Todos, ou melhor, todas – diretora, religiosas, docentes e alunas – têm laços estreitos, quase familiares com o colégio. Afinal, é sobre o conhecimento e a confiança recíprocos entre pessoas do “mesmo meio”, tendo muitas vezes laços de parentesco e aderindo aos mesmos valores, que se fundam tanto a relação entre docente e discentes como a ação do colégio. “Deve haver acordo desde o começo” entre as famílias e o colégio, explica a nova diretora, e seria impensável manter uma aluna que não estivesse “no seu lugar” ou cujos pais não concordassem com o projeto educacional do estabelecimento.<sup>4</sup> A maior garantia de que uma aluna estará “no seu lugar” na instituição é o fato de ela ser filha, irmã ou prima de uma aluna ou ex-aluna. Uma irmã de aluna ou filha de ex-aluna raramente seria recusada se seus pais insistissem na sua admissão, mesmo no caso de ela ter tido “problemas” em outro estabelecimento.

Desse modo, por exemplo, uma ex-aluna, que passou seu *baccalauréat* no início dos anos 60, conta como, após ter sido jubilada de um colégio religioso por ter se tornado “atéia”, seus pais, opondo-se a seu desejo de ingressar num liceu, conseguiram que fosse admitida em *Notre-Dame des Oiseaux* onde já cursara o primário. As religiosas

conheciam a gente muito bem e também minhas irmãs, porque éramos muitas e todas tínhamos estudado nos mesmos colégios.

A família não podia, portanto, ser mais famosa, mas fui aceita para o terceiro colegial [“philosophie”] (...). Meus pais disseram que eu tinha sido aceita por extrema bondade e caridade, já que tinha sido expulsa. A madre superior dissera a meus pais – não lembro as palavras exatas – que “daria conta de mim”, que me “colocaria de volta no caminho certo” ou não sei quê; resumindo, ela tinha se comprometido em fazer de mim uma boa cristã de novo, bem nos moldes que meus pais queriam. No fim, não deu certo.

Mais adiante ela explica:

Havia pouquíssimas recusas e contestações, pois em que bases poder-se-ia contestar alunas? Estas não tinham outros referenciais, e isso era o lado terrível da coisa, pois nenhuma de nós conseguia imaginar que o mundo pudesse ser diferente do que as freiras nos mostravam. Seja como for, estávamos numa espécie de redoma; não sei se chegava a ser uma imersão total, mas, com certeza, ficávamos numa redoma.

O colégio particular é bem, nesse caso, um colégio separado, reservado ao que se chama de modo pudico e eufêmico um “meio” (por não se ousar falar em elite); ele garante um espaço de relações ainda mais homogêneo do que as Grandes Escolas. Em *Notre-Dame des Oiseaux* é praticamente impossível encontrar, mesmo de modo acidental, pessoas que não pertençam a esse “meio”. E esse “meio” “é a parte sul do XVI<sup>e</sup> arrondissement, muito mais familiar que a parte norte, com suas famílias numerosas. É mais família; é menos o dinheiro que predomina, é menos alta sociedade, mas continua sendo o XVI<sup>e</sup> arrondissement; os nomes aqui são relativamente simples” explica a ex-madre superior do colégio. E ela acrescenta:

O recrutamento de alunos ocorre por famílias. Há famílias inteiras que se sucedem, ou, então, filhos de ex-alunas ou ainda por recomendações, dava-se muito por recomendações (...). Aqui, estamos num meio com muitos engenheiros, muitos presidentes de empresas, é claro; não há muitos comerciantes, grandes co-

---

\* No original a autora usa a sigla *P.D.G.* (*Président-Directeur-Général*), ou seja, presidente do conselho administrativo de uma sociedade anônima, cumprindo também as funções de Diretor-Geral, o que corresponde aproximadamente à noção de “empresário” em português. (N.T.)

merciantes sim, mas pequenos não (...). Há uma cultura que você pode herdar de sua família ou não. Uma vez que você não a tem, chega um momento em que, a não ser que tenha qualidades excepcionais, você desiste; isso faz com que seja comum ter num colégio filhas de zeladores, salsicheiros ou açougueiros (nas classes pequenas). Mas essas desistem rapidamente, não passam da 8ª série (*troisième*). É muito fácil de entender: elas não se sentem à vontade. Ao mesmo tempo, há toda uma vida em sociedade que se desenvolve: as relações sociais são importantes. Quando certas garotas têm seus *rallyes*,\* seus círculos de seja lá o que for, que viram assuntos entre elas, as outras não entendem do que elas estão falando; a criança deixa de ser feliz.

## Boa burguesia e aristocracia

Não apenas famílias das facções dominantes de uma burguesia de várias gerações e de tradição católica, como também famílias da aristocracia, parisiense ou do interior da França, ligadas ao exército ou reconvertidas nos negócios dão preferência a estabelecimentos particulares católicos, de bom tom e boa companhia. Em *Notre-Dame des Oiseaux*, entre 1956 e 1965, 19% das alunas de 3º colegial (*terminale*) pertenciam à aristocracia; e continuaram representando 18% das turmas entre 1976 e 1985.

Mesmo com a aristocracia privilegiando por longo tempo a educação doméstica, pelo exemplo e, sobretudo, pela presença, principalmente para as moças, as congregações religiosas que acolhem moças da nobreza, em particular a congregação de Notre-Dame, já abriam colégios desde o fim do século XVI (Aubry 1974; Chartier, Julia, Compère 1976). As abadias de grande renome (*Penthémont, l'Abbaye-aux-Bois, Port-Royal*), as casas das Visitandinas e das Beneditinas abrigam, no século XVIII, as descendentes das maiores famílias da mais antiga nobreza e se inscrevem, portanto, numa rede de sociabilidade da vida mundana: bailes, representações teatrais e casamentos de internos levam famílias e amigos das moças à *Abbaye-aux-Bois*; os novos nobres preferem confiar suas filhas às Ursulinas (Sonnet 1987). A hierarquia entre os diferentes conventos e internatos continua muito marcada no século XIX: as re-

---

\* Bailes dados pelas famílias que, unindo-se financeiramente, promoviam encontros sob o seu controle. (N.T.)

ligiosas e alunas do *Sacré-Cœur* têm, na sua maioria, origem aristocrática, enquanto em *Notre-Dame des Oiseaux*, as filhas da aristocracia ficam lado a lado com as da boa burguesia. O pensionato *Assomption* acolhe “as filhas da melhor burguesia de Paris assim como, em menor número, as da nobreza mais antiga” (Bricard 1985, p. 53).

O fato de não mais existirem, hoje em dia, colégios particulares em que a maioria das alunas tem origem aristocrática não significa que as famílias da nobreza deixaram de privilegiar certas instituições como *Notre-Dame des Oiseaux*, *Lübeck* ou *La Tour*, onde têm certeza que suas filhas freqüentarão apenas pessoas de “boas famílias”, isto é, alunas e docentes oriundas de outras famílias da aristocracia ou das facções dominantes da burguesia.

Ambas têm em comum um importante patrimônio a ser transmitido, principalmente na forma de capital simbólico e social – nome, honra, senso da família e da linhagem –, no caso da aristocracia, e na forma de capital econômico mas também de reputação familiar, no caso da burguesia de negócios. O encontro entre alunas pertencendo à média aristocracia, católica, que não renunciou a seus valores e continua tendo interesses e um patrimônio a serem preservados com alunas oriundas da “boa” burguesia, católica praticante, não raro conservadora e às vezes anti-semita, certa de seus valores, convencida de ser superior aos “novos ricos”, garante a ambas o mínimo de diversidade possível dentro da homogeneidade. Elas se vêem unidas pela crença em valores muito próximos, pela recusa do espírito crítico, da atividade intelectual, por uma desconfiança muito grande, beirando o horror, em relação aos liceus e às faculdades, e por uma educação familiar em que aprendizado das boas maneiras e caridade cristã estão intimamente vinculados. O colégio poderia muito bem ter, entre outras, essa função de aproximar alunas que, embora próximas, poderiam ter se ignorado, e ensinar-lhes a selecionar suas amigas e relações num “meio” que não era exatamente o seu próprio. Até certo ponto, a presença de algumas alunas estrangeiras na instituição, preferencialmente asiáticas, e de algumas outras alunas de burguesia menos tradicional, às vezes um pouco “extravagantes”, confirma aos olhos de todas a “abertura” do colégio. Isso, é claro, conquanto a extravagância e a diferença não ultrapassem certos limites muito precisos.

Em 1960, quando a fusão ou, antes, a absorção do *Institut Maintenon* por *Notre-Dame des Oiseaux* emergiu como a única alternativa que permitiria resolver o problema de prédios então insuficientes e enfrentar o número sempre crescente de alunas, a superior, que sempre gerara o colégio evitando conflitos e confusões, não hesitou em dispensar 200 alunas do *Institut*

*Maintenon* cujo “espírito” era totalmente diferente das de *Notre-Dame des Oiseaux* e cuja “moralidade era inverossímil”. Tratava-se, ela explica, “de moças muito ricas, de estrangeiras, de garotas que se portavam muito mal, pensando apenas em seu corpo. Eu mesma vi, e foi a única vez em toda minha vida, uma garota de 8ª série (*troisième*) que tinha, em sua estante, um rolo para se massagear durante as aulas. Isso significava que as aulas não a interessavam muito, era uma questão de educação”. Nesse universo feminino e um tanto assexuado, dominado pela religião e moral católicas, em que o prazer era excluído, interessar-se pelo próprio corpo constituía a mais evidente manifestação de uma “má educação” que podia muito bem prejudicar o capital moral e simbólico da instituição.

Esse capital que supõe o afincamento e até a dedicação de todos os agentes (religiosas, docentes, pessoal administrativo, bem como pais de alunas) constitui um bem particularmente precioso. Nada será descuidado para que tal capital seja mantido e reforçado; a admissão de novas docentes bem como a escolha, entre as docentes, de “responsáveis por divisões” só ocorriam com cuidados extremos. A redução rápida do número de religiosas – sobraram apenas cinco num total de aproximadamente 90 docentes –, que não raro pertenciam a famílias da aristocracia em declínio ou da boa burguesia interiorana, e a contratação de professores laicos – mais competentes depois de convênio firmado com a *Education Nationale* em 1960, e claramente oriundos de meios sociais ligeiramente mais diversificados do que no passado – não modificaram o espírito nem a atmosfera do colégio. Embora alguns dentre os novos professores tenham sido encaminhados para o colégio pelo organismo coordenando a oferta e a demanda de postos de docentes para o ensino privado na região parisiense, a contratação “dá-se muito por meio de recomendações” (Cf. entrevista com a ex-superiora). Um grande número de professoras e a própria diretora são ex-alunas do colégio, ou de colégios do mesmo gênero: – *Lübeck, Sainte-Barbe etc.*,<sup>5</sup> – e também pertencem a “boas” famílias; todas receberam uma educação religiosa, mais de metade tiveram ou estão tendo uma formação religiosa especializada (*Ecole cathédrale*, “*licence*” em teologia...), quase 40% encarregam-se da catequese numa paróquia e muitas exercem atividades voluntárias ou caridosas.

A homogeneidade do colégio, a continuidade entre a educação familiar e a educação dispensada na instituição, bem como a unidade dessa educação, inseparavelmente religiosa e social, que nunca

---

\* Conjunto dos serviços encarregados da organização, da direção e da gestão de todas as ordens do ensino público e do controle do ensino privado. (N.T.)



descuidou, como veremos adiante, da formação escolar, todos esses fatores vêm-se reforçados pelo fato de os pais serem freqüentemente solicitados, não apenas em ocasiões especiais (manifestações em prol da “defesa” do ensino privado, vendas beneficentes, contribuições financeiras para a construção de novos prédios, reuniões etc.), como também na vida cotidiana, para tratar de pontos em que o capital moral do colégio esteja em jogo.

Certa vez, três alunas mandaram uma carta de injúrias a outra; a diretora, após consultar a responsável de divisão, convocou não apenas as alunas como também seus pais e os reuniu na mesma noite com o professor principal de modo a que resolvessem aquele problema: uma suspensão de três dias foi a punição escolhida em comum acordo. Outro exemplo apresentado e comentado pela diretora: uma aluna tinha, alguns anos antes,

praticamente introduzido drogas numa classe – tratava-se de maconha, e duas outras alunas tinham se envolvido –; a aluna que originara o fato não foi mantida. Não se tinha o direito, acho que seria completamente errado dizer: “Coitadinha, talvez fosse preciso ajudá-la”. Eu até concordaria com isso, conquanto não fosse em detrimento das outras. Os pais dela, “pessoas de bem”, “muito conscientes do problema e muito embaraçados”, tiveram “uma ótima reação, solucionando eles próprios a questão”, ao proporem transferir a filha deles para outro colégio.

Para as questões julgadas de abordagem “difícil” e “delicada” para as alunas, como “a formação para o amor”, a sexualidade, as religiosas chamam membros do clero, especialistas em tais assuntos, bem como médicos, não “qualquer um”, mas antes parentes, “por serem conhecidos e assim oferecer a certeza de que o tema será tratado de modo adequado” (cf. entrevista com a superiora). Seja como for, não se poderia considerar a introdução de uma transformação importante no colégio contra a vontade dos pais.

## O controle da diferença

Naturalmente, a decisão de tornar o ensino fundamental misto foi tomada de modo tímido na volta às aulas de 1989 – moços foram admitidos na 5ª série (*sixième*), embora em apenas duas das cinco turmas

inscritas no estabelecimento, e serão progressivamente admitidos em 6ª série (*cinquième*) em 1990, 7ª série (*quatrième*) em 1991, caso seja dado prosseguimento a essa experiência –, após mais de 15 anos de reflexão, discussão, conciliação com as outras instituições católicas do *XVI<sup>e</sup> arrondissement* e uma pesquisa de 1988, respondida por 66% dos pais, cujos resultados mostravam que a maior parte das famílias eram favoráveis, 29% apenas dizendo-se contrárias ou totalmente contrárias.<sup>6</sup>

O medo de ser relegado na retaguarda dos estabelecimentos de ensino privado, de se tornar “um estabelecimento-refúgio, prisioneiro de um certo tipo de demanda por parte das famílias, ou simplesmente um estabelecimento que vegeta porque não quis enfrentar os problemas de sua época”<sup>7</sup> tem muito a ver com o que foi considerado por muitos pais como “uma grande mudança”, e até mesmo uma “revolução”. E o conselho da Associação de pais de alunos insistiu para que tal “mistura” não se traduzisse “numa baixa de nível consecutiva ao recrutamento de elementos insuficientes” mas, pelo contrário, permitisse a admissão de “moços de valor”.<sup>8</sup> Assim, a diferença, qualquer que seja sua forma, só pode ser introduzida na homogeneidade após ter sido cuidadosamente controlada.

Os moços admitidos em 5ª série (*sixième*), em sua maioria, não são de fato estranhos ao colégio, onde cursaram o primário e onde, muitas vezes, têm uma irmã estudando – a escola primária era mista havia mais de 10 anos – e, portanto, não comprometem a homogeneidade do recrutamento. Quando, porém, num impulso de abertura, a nova diretora, preocupada em não servir apenas a “interesses particulares” e em responder às “necessidades do Ensino católico”, propôs abrir cursos noturnos para jovens adultos que seriam “diferentes por sua idade, por seu itinerário pessoal”, das alunas habituais, o risco pôde parecer maior, pelo menos para certos pais, que acabariam sendo tranqüilizados. O conselho da Associação de pais de alunos teve, de fato, o cuidado de precisar: “Temos a garantia de que esse projeto não modificará o espírito nem o projeto educativo de nosso colégio, seria tão-somente pelo fato dos horários de entrada e saída nunca corresponderem.”<sup>9</sup> Os novos alunos e alunas, embora, sem dúvida, muito próximos – quando não escolarmente, pelo menos socialmente – das alunas habituais, nunca se depararão com estas: as moças permanecerão confinadas entre si, e a diretora, os professores e os pais terão o sentimento de ter cumprido o seu dever, colocando-se de tal modo “a serviço da formação e do desenvolvimento de pessoas.”<sup>10</sup>

---

\* Este artigo foi originalmente publicado em 1990. (N.T.)

## Esposas cultas e mães de família “felizes”

Desse modo, os colégios particulares implantados nos bairros burgueses, e mais precisamente os dirigidos por congregações religiosas antigas e renomadas, são sempre colégios que transmitem a sensação de pertencerem a um grupo à parte, diferente dos outros, e que garantem um espaço de relações extremamente homogêneo – o que não exclui um mínimo de diversidade para garantir a continuidade do recrutamento e dar a ilusão de uma “abertura”, mas são também, e principalmente no caso dos colégios para moças, instituições cuja função principal é a de reproduzir o poder da família, o que constitui um ponto central para as famílias da burguesia de negócios assim como da aristocracia. A educação religiosa que valoriza não apenas a pessoa mas também a família, uma organização com ares de família – as alunas dirigem-se às religiosas dizendo-lhes “Madre”, “Irmã”; as festas religiosas, mais particularmente as consagradas à Virgem, as festas dadas por ocasião de aposentadorias, as festas de fim de ano ou as vendas beneficentes, são todas celebradas num ambiente familiar –, bem como a concordância entre pais e docentes ou religiosas quanto às finalidades da educação combinam seus efeitos para permitir que o colégio prepare as alunas, sem praticamente nunca ter de lhes comunicar isso de modo explícito, para serem esposas cultas e mães de família felizes.

O fato da “boa” educação ser prioritária não significa que os resultados escolares sejam desprezados: incita-se aos estudos e, cada ano, mais de 80% das alunas são aprovadas no *baccalauréat*, muito embora o superinvestimento e o zelo escolar sejam vistos como suspeitos e as alunas não sejam instigadas a encaminhar-se para estudos longos nem a preparar os exames mais difíceis. A instrução é subordinada à educação: o projeto educativo, definido no estatuto do colégio, lembra que

a experiência intelectual não basta para criar um equilíbrio de vida; para responder uma expectativa muitas vezes não formulada, a experiência religiosa e a catequese propõem, dentro de um espírito de tolerância, valores (...) fundamentais; no que diz respeito à “aquisição inteligente da cultura”, ela é considerada como um componente imprescindível do desabrochar da pessoa.<sup>11</sup>

Até certo ponto, a formação escolar não tem, nesse contexto, sentido em si nem por si; o espírito crítico não tem vez e as melhores alunas em termos de critérios escolares não são encorajadas a desenvolver seu capital escolar: raras *agrégées*\* e nenhuma *Sévrienne*\*\* constam entre as ex-alunas.<sup>12</sup> Embora a época das *Humanités féminines* – quando quase metade das alunas de 3ª colegial (*terminale*) recebia um ensino com conteúdo mais leve em matemática, física, filosofia etc., de modo a poderem se dedicar à literatura, à história da arte, ao corte e à costura, culminando num exame no *Institut catholique* em vez do *baccalauréat* – tenha se encerrado em 1960, com a assinatura de um acordo com o Estado, as concessões à lógica escolar acabaram se revelando relativamente brandas. As matérias de ensino específicas às *Humanités féminines* já não existem mais, os horários oficialmente dedicados a cada disciplina são respeitados, os professores têm os diplomas exigidos pelo *Ministère de l'éducation nationale*, mas a diretora conserva seu direito de escolha no recrutamento de alunas e docentes;<sup>13</sup> o objetivo – ou, como elas preferem, o “projeto” do colégio – é o de efetivar “uma vida escolar equilibrada, aberta e feliz no espírito transmitido pela congregação Notre-Dame”.<sup>14</sup> Formar alunas “felizes”, fazer com que “desabrochem” continua sendo a preocupação fundamental dos responsáveis do colégio.

As alunas, sem dúvida, optam por estudos cada vez mais longos após o *baccalauréat*, casam cada vez mais tarde e exercem com maior frequência uma atividade profissional. A maior duração dos estudos é particularmente marcante: segundo uma pesquisa de 1984, 50% das alunas que se formaram no colégio entre 1968 e 1982 tiraram diplomas exigindo pelo menos 4 anos de estudos superiores contra apenas 12% das que se formaram entre 1964 e 1973, segundo pesquisa de 1974<sup>15</sup> (esses dados subestimam, contudo, a proporção de alunas fazendo estudos mais longos, uma vez que, no momento das pesquisas, sobretudo na de 1974, uma parte importante das alunas pesquisadas ainda não completara seus estudos superiores; nem por isso a comparação entre os dois períodos deixa de ser interessante). Praticamente todas as ex-alunas exercem uma profissão ao completarem seus estudos, e as alunas oriundas da burguesia de negócios mais ainda do que as procedentes da aristocracia.<sup>16</sup> Das ex-alunas do colégio formadas entre 1968 e 1982, tendo

---

\* Pessoa tendo passado o concurso de recrutamento (*agrégation*) de professores de colegial e algumas disciplinas universitárias. (N.T.)

\*\* Aluna da escola normal superior para moças, antigamente em Sèvres, hoje em Paris. (N.T.)

portanto entre 20 e 35 anos quando da pesquisa, e que não estão mais estudando, 87% exerceram ou ainda exercem uma atividade profissional, contra 70% das ex-alunas formadas no colégio entre 1964 e 1973.

Contudo, essas transformações nas carreiras e mais profundamente na representação do papel da mulher são menos importantes do que poderia parecer. As ex-alunas, que muitas vezes exerceriam seu emprego por curto período, continuam preferindo, ao deixar o colégio, dirigir-se para estudos superiores e empregos que, quando não tipicamente femininos, são pelos menos os que melhor lhes possibilitam valorizar seu capital social, simbólico e moral sem, em contrapartida, exigir muito delas em termos de capital escolar. Ingressam de fato cada vez menos em faculdades de Letras, embora várias continuem procurando carreiras tradicionalmente femininas como estudos de língua no *Institut Catholique*, escolas de secretariado e escolas preparatórias para as profissões médico-sociais; a maioria prefere, no entanto, dirigir-se para estudos em Direito ou Ciências econômicas (em *Assas* ou em *Dauphine* com mais freqüência do que em *Tolbiac*), para os colégios particulares com cursos preparatórios às escolas de comércio e de gestão, e para as pequenas ou médias escolas de gestão onde se pode ingressar logo após passar o *baccalauréat*, ou seja, para as instituições mais protegidas e conservadoras.

Muitas trabalharão depois na propaganda, exercerão uma profissão de relações públicas ou nas comunicações, no jornalismo mas também como paramédicas: terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, educadoras, puericultoras etc.; algumas tornar-se-ão até professoras, de preferência em colégios particulares; outras, assistentes de direção ou de gestão em empresas; várias trabalharão com artes, decoração e até chegarão a ter suas próprias lojas de bijuterias ou objetos de arte. Tais profissões, aparentemente tão diversas, têm em comum o fato de requererem ao mesmo tempo qualidades femininas tradicionais – serão assistentes ou colaboradoras discretas e atenciosas – e o sentido de relacionamento, a aptidão em estabelecer contatos e desenvolver tanto esses contatos quanto essas relações.

Com raras exceções, as ex-alunas ficam a distância do pólo intelectual e da pesquisa bem como do setor público – não há, ou são poucas, funcionárias públicas entre elas – e, em sua maioria, estão ligadas ao setor privado em sentido amplo, aos negócios em que ocupam posições “menores” (Faguer 1990) e são mais dominadas ainda, uma vez que muitas trabalham meio período e estão, de fato, prontas para interromper suas atividades profissionais, criar seus filhos e dedicar-se à família.<sup>17</sup>

Os testemunhos enviados ao colégio por ex-alunas são particularmente eloqüentes: muitas se dizem felizes em poder secundar seu marido na empresa dele ou em criar seus filhos. É o caso de Marie-Geneviève N., que se formou em 1955 e, 30 anos depois, escreve:

O que houve nesses anos todos? Por meu lado, segui um caminho bem “clássico”. Após estudos de secretariado de direção e alguns anos de trabalho – Vallourec e a seguir o SPER (Syndicat Professionnel d’Electronique) –, tudo sem muita convicção, troquei meu último “patrão” por outro “muito mais meu”; um ano depois lá estava eu, muito mais à vontade na minha profissão de mãe de família, junto de um adorável bebê, Pierre-Yves.

(...) 22 anos depois: meu “patrão” continua trabalhando em Lyon para onde nos mudamos em 1964. Ele é o responsável de fabricação numa filial da CGE (Compagnie Générale des Eaux), da fabricação bem como de todo o pessoal que corresponde a esse setor, o que representa uma tarefa das mais pesadas!

Ela continua então sua carta apresentando seus três filhos, seus gostos, suas características e atividades, terminando por suas próprias atividades: participação no coral *A cœur joie*, passeios no fim de semana, viagens com o marido.<sup>16</sup> Ora, não são apenas as mais antigas a louvar suas vidas de mães de família e esposas prontas para interromper sua atividade para auxiliar o marido. Martine J., 20 anos mais jovem que Marie-Geneviève N., escreve:

Meu marido, que era oficial de carreira quando do nosso casamento há menos de cinco anos, mudou completamente de ramo. Ele montou, há dois anos, uma empresa de manutenção de casas que está dando muito certo. Por meu lado, afora minhas atividades de mãe de família, cuido de toda a parte de *marketing* e de gestão da empresa, embora isso não fosse, *a priori*, meu ramo, uma vez que ao sair da rua Michel-Ange onde fiz 3º colegial em matemática e exatas (*terminale C*) me formei como físico-química e, ao mesmo tempo, passei meu DE de enfermeira. Contudo, após seis meses de estágio de gestão, consegui acrescentar mais essa prenda ao meu currículo. Tantas atividades me ocupam muito, mas não fizeram com que descuide de

minhas filhas Camille e Sophie, ambas no maternal da escola das Ursulinas em Morlaix, e não consegui deixar de assumir responsabilidades na Apel,<sup>19</sup> pensando nos benefícios da educação recebida.

Se o exercício de uma atividade profissional após os estudos já constitui um componente banal no modo de vida das ex-alunas de *Notre-Dame des Oiseaux*, não chega a ser um componente fundamental: como a carreira profissional de seus maridos e a educação das crianças são prioridades, a suspensão momentânea ou definitiva de tal atividade representa uma eventualidade para a qual estão preparadas. Não resta dúvida de que muitas das ex-alunas se dizem “satisfeitas” com as possibilidades profissionais abertas por seus estudos, principalmente por causa de seus interesses profissionais e do grau de responsabilidade que têm, mas a compatibilidade ou incompatibilidade com a vida familiar permanece uma de suas preocupações fundamentais enquanto o valor de sua remuneração não constitui um critério decisivo para suas escolhas profissionais.<sup>20</sup>

O salário não é um objetivo em si, e isso também se deve, provavelmente, ao fato de elas terem feito o aprendizado do voluntariado tanto em família quanto na escola. Os preparativos para as festas religiosas, as vendas beneficentes ou quermesses bem como as cestas de Natal para os deserdados, a catequese em paróquias vizinhas às quintas-feiras, as romarias para Chartres, Notre-Dame de Paris, o Sacré-Cœur, Lourdes, Roma ou a Terra Santa e a descoberta de novas formas de ajuda mútua ocupam uma parte importante do tempo das moças que aprendem a “doar” seu tempo, a exercer uma atividade não-escolar sem disso esperar remuneração. De fato, a educação “calorosa” das *Madres* lhes infundiu, anos a fio, uma “misteriosa necessidade de acudir seu próximo”, segundo as palavras de uma ex-aluna.<sup>21</sup> As atividades voluntárias, religiosas, caridosas – alfabetização de imigrantes, visitas aos presos, aos velhinhos e aos doentes, catequese, organizar bibliotecas nos hospitais, assumir responsabilidades em associações de pais de alunos do ensino católico, em associações de ajuda mútua e de socorro etc.– proporcionam a essas mulheres da burguesia e da aristocracia, jovens e nem tão jovens, o sentimento de terem cumprido seu dever, de terem con-

---

\* Apel: Associação dos pais de alunos. (N.T.)

seguido fazer frutificar os talentos dos quais consideram-se depositárias (Le Wita 1988, pp. 111-132).

O voluntariado, assim como praticado pelas ex-alunas de *Notre-Dame des Oiseaux*, é provavelmente o que lhes permite melhor conciliar o espírito religioso e o ideal da alta sociedade e responder às exigências da caridade cristã sem deixar de permanecer, na maioria das vezes, nesse universo protegido e de boa companhia. Trata-se também de uma maneira de aceitar sem culpa uma posição privilegiada e de rejeitar a desigualdade social sobre a qual sua existência é em boa parte fundamentada. Está-se muito longe de atuações políticas, e os conflitos de grupos ou classes são geralmente mantidos a distância: é uma relação pessoal a que se cria com o paciente, com a criança, com o preso ou o velho. Enquanto a devoção e o excesso de piedade, além de não convencerem ninguém, ficam obsoletos, a prática de atividades voluntárias é muito bem tolerada e às vezes até encorajada nos meios familiares; em nada ameaça o poder da família nem o poder masculino dentro da família.

Desse modo, o capital de “boa educação”, adquirido simultaneamente na família e na escola, contribui para reforçar não apenas o sentimento de se pertencer a um grupo à parte, de não ser como os outros, mas também o sentido do dever para com a família e mais amplamente para com os próximos. Algumas das mais importantes funções desse tipo de instituição poderiam ser as de perpetuar a divisão dos gêneros no trabalho tradicional e o poder da família no sistema das estratégias de reprodução das facções dominantes da burguesia e da aristocracia. A submissão aos imperativos da moral burguesa e católica é muito forte: separações e divórcios são relativamente raros. Enquanto praticamente todas as alunas egressas desses colégios buscam um emprego ou uma ocupação profissional no fim de seus estudos secundários e superiores, elas preferem escolher atividades que não atrapalhem a carreira profissional de seu marido nem a educação de seus filhos. Detivemo-nos no exemplo de *Notre-Dame des Oiseaux* por constituir um caso menos excepcional do que poderia parecer. A distância que separa esse colégio dos grandes liceus públicos realmente não é maior da que, no ensino superior, separa *Sciences Po* ou a *Ecole des hautes études commerciales* das Escolas normais superiores.

---

\* *Sciences Po*: escola de estudos de Ciências políticas; *Ecole des hautes études commerciales (HEC)*: Escola de altos estudos comerciais. (N.T.)



## Notas

1. Retiro esses dados da pesquisa sobre os alunos das Grandes Escolas, realizada pelo *Centre de Sociologie Européenne* entre 1965 e 1969.
2. Logo após maio 1968, os patrões da indústria e do comércio assim como os executivos do setor privado ficaram entre os que mais se declaravam favoráveis a um auxílio para o ensino privado e à seleção para ingressar em universidades, e contrários a qualquer aumento no orçamento da educação nacional como também na remuneração dos professores “sempre suspeitos de abusarem da relativa autonomia da instituição escolar em benefício próprio e para corromper a juventude”. Eles nunca deixaram tão clara sua propensão em pensar a questão escolar como um problema de manutenção tanto da ordem como de seus privilégios do que nesses momentos em que “*a desconfiança para com a instituição escolar pública se vê fortemente reativada*” (Cf. Pierre Bourdieu, “Epreuve scolaire et consécration sociale. Les classes préparatoires aux grandes écoles”, *Actes de la Recherche en sciences sociales*, 1981, 39, p.58).
3. Cf. Ministère de l'Education. Service des études informatiques et statistiques. Service central des statistiques et sondages. Enquête n° 49 sur la catégorie socio-professionnelle du chef de famille (ou tuteur légal) des élèves de l'enseignement public et privé du second degré. Année scolaire 1980-1981. No colégio *Notre-Dame de Sion*, no VI° *arrondissement*, a proporção de filhas de patrões da indústria e do comércio, de engenheiros ou executivos era ligeiramente menor, e a de alunas oriundas das classes populares ou médias um pouco maior. As diferenças são no entanto muito mais marcante no caso da *Ecole Alsacienne*, colégio particular misto, fundado por protestantes, onde a proporção de filhos de professores e profissionais liberais é muito maior e a de filhos das facções dominantes das classes dominantes muito menor.
4. A maioria das entrevistas junto das religiosas, responsáveis ou ex-alunas do colégio foram realizados por Claire Givry, a quem agradeço calorosamente.
5. Prova disso, uma das professoras que lecionou durante 30 anos no colégio cita pelo menos sete de suas ex-alunas entre as professoras em atividade no colégio, no seu discurso de agradecimento, o dia em que recebeu as “*Palms Académiques*”, cf. *Notre-Dame des Oiseaux*, 1982
6. *Compte-rendu de l'enquête réalisée auprès des parents d'élèves sur l'introduction de la mixité à Notre-Dame des Oiseaux dans le secondaire*, *Notre-Dame des Oiseaux*, année scolaire 1988-1989, pp. 11-15.
7. “Intervention de Sœur Cécile à l'Assemblée générale de L'APEL sur la question de la mixité (15/11/88)”, *Notre-Dame des Oiseaux*, année scolaire 1988-1989, p. 9.
8. “Le mot de l'APEL”, *Notre-Dame des Oiseaux*, année scolaire 1988-1989, p. 38.
9. *Ibidem*.
10. Sœur Cécile. “Notre-Dame des Oiseaux en projet”, *Notre-Dame des Oiseaux*, année scolaire 1988-1989, pp. 11-15.
11. *Notre-Dame des Oiseaux*, “Projet éducatif”. (Texto elaborado pelo conjunto da comunidade educativa), 1983, 1p., mimeo.
12. Caso-limite, embora significativo, é o da melhor aluna de 3º colegial (*terminale*), em termos de critérios escolares, que, após ter recebido menção “*Bien*” nos dois *baccalauréats* montou uma escola de dança no interior.

13. Tratando-se de recrutar um novo professor, o percurso e o êxito escolar raramente primam sobre as qualidades pessoais e humanas, incluindo, é claro, as crenças e convicções religiosas.
14. "Projeto educativo", documento citado.
15. *Enquête effectuée en avril-mai 1984 auprès d'un certain numéro d'anciennes de Notre-Dame des Oiseaux*, documento mimeo, 22 páginas; e *Enquête réalisée en novembre 1974 auprès des anciennes de Notre-Dame des Oiseaux (promotions 64 à 73)*, documento mimeo, 8 páginas.
16. Conferir os dados colhidos quando de entrevistas ou das participações de reuniões de ex-alunas. As pesquisas não permitem de fato que as diferenças de carreiras profissionais das alunas sejam analisadas em função de sua origem social.
17. Os cônjuges das ex-alunas também exercem, em sua maioria, uma profissão no setor privado: são engenheiros, executivos de gestão ou de direção em empresas privadas, bancos ou companhias de seguro; são industriais, às vezes oficiais, ou então profissionais liberais; raríssimos exercem na função pública e menos ainda no ensino ou na pesquisa.
18. Extratos do boletim, *Notre-Dame des Oiseaux*, 1985, sem números de páginas.
19. Extratos do boletim, *Notre-Dame des Oiseaux*, 1984, sem números de páginas.
20. *Enquête effectuée en avril-mai 1984 auprès d'un certain numéro d'anciennes de Notre-Dame des Oiseaux*, documento citado, pp. 18-20.
21. Trabalhos múltiplos e diversos, *Notre-Dame des Oiseaux*, 1981, sem números de páginas.

### A "good" education

*ABSTRACT: For the dominant sections of the bourgeoisie and the aristocracy, an ethical education – a "good" education – for their daughters, is always a major preoccupation. Instruction, on the other hand, a training for intellectual activity, is considered of secondary importance, as though, in the case of these girls, the transmission of the economic and cultural capital. The "Notre Dame des Oiseaux" school, is not so much an exceptional case as a borderline case. With a few concessions to the new bourgeois morality, and thanks to the extreme homogeneity not only of its pupils, but also of its teaching staff and the sisters, the preparation for a specific role – "happy" mother, cultivated wife, with a job but quite prepared to give it up, pious, involved in some charitable activity – remains the most important aspect of the education of young girls of this milieu.*

## Bibliografia

AUBRY, Marie-Elisabeth. "La congrégation de Notre-Dame à Nancy et l'éducation des filles aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles". *Annales de l'Est*, 1974, pp. 75-96.

- BOURDIEU, Pierre. *La distinction. Critique sociale du jugement*, Paris, Ed. de Minuit, 1981, 670 p. "Epreuve scolaire et consécration sociale. Les classes préparatoires aux grandes écoles". *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 39.
- BRICARD, Isabelle. *Saintes ou pouliches. L'éducation des filles au XIX<sup>e</sup> siècle*. Paris, Albin Michel, 1985, 352 p.
- CHARTIER, Roger; JULIA, Dominique et COMPÈRE, Marie-Madeleine. *L'éducation en France du XVI<sup>e</sup> au XVII<sup>e</sup> siècle*, Paris, SEDES, 1976, 305 p.
- FAGUER, Jean-Pierre. "Les effets d'une 'éducation totale'. Un collège jésuite, 1960". *Actes de la recherche en sciences sociales*, mai. 1991, pp 86-87.
- LE WITA, Béatrix. *Ni vue ni connue. Approche ethnographique de la culture bourgeoise*, Paris, Ed. de la MSH, 1988, 200p.
- PINCON-CHARLOT, Monique e RENDU, Paul. "Les hauts fonctionnaires face aux enjeux scolaires de leurs enfants", *Revue française de pédagogie*, 1988/83, pp. 51-56.
- SONNET, Martine. *L'éducation des filles au temps des Lumières*, Paris, Cerf, 1987, 354 p.